

# A aranha

*Hanns Heinz Ewers*

---

Quando o estudante de medicina, Richard Bracquemont, decidiu mudar-se para o quarto nº 7 do pequeno Hotel Stevens, Rua Alfred Stevens (Paris 6), três pessoas já haviam se enforcado na barra transversal da janela daquele cômodo em três sextas-feiras consecutivas.

O primeiro foi um caixeiro-viajante suíço. Eles encontraram seu cadáver no sábado à noite. O médico determinou que a morte tinha ocorrido entre cinco e seis horas da tarde de sexta-feira. O cadáver estava pendurado em um forte gancho que havia sido colocado na barra da janela para servir como suporte para roupas. A janela estava fechada, e o homem morto tinha usado o cordão da cortina como um laço. Como a janela era muito baixa, ele ficou com os joelhos quase tocando o chão – um sinal da grande disciplina com a qual o suicida empenhou-se na realização de seu projeto. Mais tarde, soube-se que ele era um homem casado, um pai de família. Era um homem de disposição e felicidade permanentes, um homem que tinha alcançado um lugar seguro na vida. Não foi encontrada uma única palavra escrita que lançasse alguma luz sobre seu suicídio... nem mesmo um testamento. Além disso, nenhum de seus conhecidos se lembrava de ter ouvido dele algo que permitisse a alguém prever este fim.

O segundo caso não foi muito diferente. O artista Karl Krause, um ciclista acrobático do vizinho Circo Medrano, mudou-se para o quarto nº 7 dois dias depois. Quando ele não apareceu na apresentação de sexta-feira, o diretor enviou um funcionário para o hotel. Lá, ele encontrou Krause no quarto destrancado, pendurado na barra da janela em circunstâncias exatamente similares às do suicídio anterior. Esta morte foi tão intrigante quanto a primeira. Krause era popular. Ele recebia um salário muito alto e aparentava aproveitar a vida em sua plenitude. Mais uma vez, não havia nenhuma nota de suicídio; nenhuma pista sinistra. O único parente próximo de Krause era sua mãe, a quem o filho tinha enviado os habituais 300 marcos no primeiro dia do mês.

Para a senhora Dubonnet, a proprietária da pequena casa de hóspedes, uma pensão barata cuja clientela era composta quase que totalmente de funcionários de um teatro vaudeville de Montmartre, esta segunda morte curiosa no mesmo quarto tinha consequências muito desagradáveis. Vários de seus hóspedes já haviam deixado o local e outros clientes regulares não tinham voltado. Ela pediu ajuda ao seu amigo pessoal, o inspetor de polícia do nono distrito, que lhe assegurou que faria de tudo para ajudá-la. Ele não só levou a investigação sobre as duas mortes adiante com zelo, como também destacou um oficial para um plantão no quarto misterioso.

Este homem, Charles-Marie Chaumié, na verdade se ofereceu para a tarefa. Chaumié era um velho "Marsouin", um sargento fuzileiro naval com onze anos de serviço, que tinha ficado tantas noites nos postos de Tonkin e Annam, e tinha enfrentado tantos piratas com tiros de fuzil que ele parecia o sujeito ideal para encontrar o "fantasma" de quem todos na Rua Alfred Stevens estavam falando.

A partir daí, todas as manhãs e todas as noites, Chaumié dava uma breve passada na delegacia para fazer seu relatório, que, nos primeiros dias, consistia apenas na declaração de que ele não tinha notado nada de anormal. Na quarta-feira à noite, porém, ele deu a entender que havia encontrado uma pista. Pressionado para dizer mais, ele pediu mais tempo antes de fazer qualquer comentário, uma vez que ele não tinha certeza de que aquilo que havia descoberto tinha qualquer relação com as duas mortes, e ele estava com medo de dizer algo que iria fazê-lo parecer tolo.

Na quinta-feira o seu comportamento parecia um pouco incerto, mas seu humor estava visivelmente mais sério. Ainda assim, ele não tinha nada a relatar. Na sexta-feira de manhã ele chegou muito animado e falou, um pouco brincando, um pouco sério, do poder estranhamente atraente que aquela janela tinha. Ele não deu detalhes e disse que, de qualquer forma, não tinha nada a ver com o suicídio, e que seria ridículo de sua parte dizer mais alguma coisa. Quando, na mesma sexta-feira, ele não fez o seu relatório periódico noturno, alguém foi até seu quarto e o encontrou pendurado na barra transversal da janela.

Todas as circunstâncias, até os mínimos detalhes, eram as mesmas dos casos anteriores. As pernas de Chaumié deitadas no chão, o cordão da cortina tinha sido usado como um laço. A janela estava fechada, a porta do quarto não tinha sido bloqueada e a morte havia ocorrido às seis horas. A boca do homem morto estava aberta e a sua língua se projetava para fora dela.

A morte de Chaumié, a terceira em poucas semanas no quarto nº 7, teve as seguintes consequências: todos os hóspedes, com exceção de um alemão professor de ensino médio do quarto nº 16, mudaram-se dali. O professor aproveitou a ocasião para ter seu aluguel reduzido em um terço. No dia seguinte, Mary Garden, a famosa cantora da ópera Comique, dirigiu-se ao Hotel Stevens e pagou duzentos francos pelo cordão da cortina vermelha, dizendo que ele traria sorte. A história, um pequeno consolo para a senhora Dubonnet, foi parar nos jornais.

Se esses eventos ocorressem no verão, em julho ou agosto, a senhora Dubonnet teria garantido três vezes mais pelo seu cordão, mas como era no meio de um ano conturbado, com eleições, distúrbios nos Balcãs, bancos quebrando em Nova York, a visita do rei e rainha da Inglaterra, o resultado foi que o caso da Rua Alfred Stevens foi menos noticiado do que deveria. Nos jornais as notas eram breves, essencialmente o conteúdo dos relatórios policiais, palavra por palavra. Estes relatórios eram tudo o que Richard Bracquemont, o estudante de medicina, sabia do assunto.

Havia um detalhe sobre o qual ele não sabia nada, porque nem o inspetor de polícia, nem qualquer uma das testemunhas tinha mencionado isso para a imprensa. Só mais tarde, depois do que aconteceu com o estudante de medicina, alguém se lembrou que quando a polícia removeu o corpo do sargento Charles-Marie Chaumié da barra da janela uma grande aranha preta rastejou de boca aberta do homem morto. O porteiro do hotel atirou-a longe, exclamando: "Argh, outra dessas criaturas malditas". Durante as investigações posteriores, que se preocuparam principalmente com Bracquemont, o empregado foi interrogado, ele disse que tinha visto uma aranha semelhante rastejando no ombro do caixeiro-viajante suíço quando o seu corpo foi removido da barra transversal janela. Mas Richard Bracquemont nada sabia de tudo isso.

Já havia duas semanas após o último suicídio quando Bracquemont mudou-se para o quarto. Era um domingo. Bracquemont conscientemente registrou tudo o que aconteceu com ele em seu diário. Este é o relato que segue:

### **Segunda-feira, 28 de fevereiro**

Mudei-me na noite de ontem. Eu desfiz minhas duas malas de vime e arrumei o quarto um pouco. Depois fui para a cama. Eu dormi tão profundamente que eram nove horas da manhã seguinte quando uma batida na minha porta me acordou. Era a minha hospedeira trazendo-me o café-da-manhã. Pode-se perceber a sua preocupação comigo a notar pelos ovos, o bacon e o excelente café com leite que ela me trouxe. Lavei-me e coloquei a roupa, então fumei um cachimbo enquanto observava o camareiro arrumar o quarto. Então, aqui estou eu. Eu sei muito bem que a situação pode ser perigosa,

mas eu acho que posso ser aquele que vai resolver o problema. Se há muito tempo Paris valia uma missa (a conquista vem em taxas mais caras nestes dias), vale a pena arriscar a minha vida *pour un si bel enjeu*. Eu tenho pelo menos uma chance de ganhar, e eu quero arriscar.

Assim, não sou o único que tem noção disso. Vinte e sete pessoas tentaram ter acesso ao quarto. Alguns foram à polícia, alguns diretamente à dona do hotel. Havia até mesmo três mulheres entre os candidatos. Houve muita competição. Sem dúvida, os outros são uns pobres diabos como eu.

E, no entanto, fui eu o escolhido. Por quê? Porque eu era o único que deu a entender que tinha algum plano ou, ao menos, algo que aparentasse um plano. Naturalmente, eu estava blefando.

Estas anotações são destinadas à polícia. Devo dizer que me diverte contar a esses senhores como eu deliberadamente os enganei. Se o inspetor tiver algum juízo, ele dirá: "Hum, este Bracquemont é justamente o homem que precisamos." Em qualquer caso, não importa o que ele vai dizer. O fato é que eu estou aqui agora, e eu tomo isso como um bom sinal de que eu comecei a minha tarefa enganando a polícia.

Eu fui primeiro à senhora Dubonnet e foi ela quem me mandou para a polícia. Eles me enrolaram por uma semana inteira, como eles também enrolaram meus rivais. A maioria deles desistiu em desgosto, tendo algo melhor para fazer do que matar tempo em um quarto embolorado. O inspetor estava começando a ficar irritado com minha insistência. Por fim, ele me disse que eu estava perdendo meu tempo. Que a polícia não tinha o costume de empregar amadores. "Ah, se ao menos você tivesse um plano. Então..."

No hora eu anunciei que eu tinha um plano, embora, naturalmente, eu não tivesse coisa alguma. Ainda assim, dei a entender que o meu plano era brilhante, mas perigoso, que poderia levar ao mesmo fim do policial Chaumié. Ainda assim, prometi contar o plano se ele desse sua palavra de que iria pessoalmente colocá-lo em prática. Ele pediu desculpas, alegando estar muito ocupado, mas quando pediu-me para dar ao menos uma dica de meu plano, vi que eu tinha atizado seu interesse.

Eu tentei juntar algumas ideias para criar uma história. Só Deus sabe de onde tudo apareceu. Disse-lhe que as seis horas de uma sexta-feira é uma hora ligada ao ocultismo. É a última hora da semana judaica, a hora em que Cristo desapareceu de seu túmulo e desceu ao Inferno. Afirmei que ele faria bem em lembrar que os três suicídios haviam ocorrido aproximadamente naquela hora. Isso era tudo que eu poderia dizer a ele naquele momento, eu falei, mas eu o conduzi para o *Apocalipse de São João*.

O inspetor assumiu a aparência de um homem que entendia tudo o que eu dizia, então ele me pediu para voltar naquela noite.

Voltei, pontualmente, e notei um exemplar do Novo Testamento na mesa do inspetor. Eu tinha, neste intervalo, lido *O Apocalipse* sem contudo ter compreendido uma sílaba sequer. Talvez o inspetor fosse mais inteligente do que eu. Muito educadamente – ou melhor – em deferência, ele me fez saber que, apesar das minhas sugestões extremamente vagas, ele acreditava que havia compreendido minha linha de pensamento e estava pronto para agilizar o meu plano em todos os sentidos.

E aqui, eu tenho que reconhecer que ele foi de fato tremendamente útil. Foi ele quem fez o acordo com a proprietária para eu ter tudo o que precisava, enquanto ficasse no quarto. O inspetor deu-me uma pistola e um apito de polícia, e ele ordenou aos oficiais em ronda para passarem pela Rua Alfred Stevens sempre que possível, e para observar minha janela no caso de qualquer sinal. O mais importante de tudo, havia um telefone na minha mesa conectado diretamente com a delegacia. Uma vez que a unidade está a apenas quatro minutos daqui, não vejo razão alguma para ter medo.

### **Quarta-feira, 1º de março**

Nada aconteceu. Nem ontem. Nem hoje.

A senhora Dubonnet trouxe um novo cordão de cortina de outro quarto. Os quartos estão quase todos vazios, é claro. A senhora Dubonnet aproveita todas as oportunidades para me visitar, e cada vez ela traz alguma coisa com ela. Pedi que ela me contasse novamente tudo o que aconteceu aqui, mas não tenho aprendido nada de novo. Ela tem sua própria opinião sobre os suicídios. Sua visão é de que o artista, Krause, suicidou-se por causa de um infeliz caso de amor. Durante o ano passado, enquanto Krause viveu no hotel, uma jovem tinha feito visitas frequentes a ele. Estas visitas tinham parado pouco antes de sua morte. Quanto ao cavalheiro suíço, a senhora Dubonnet confessou-se perplexa. Por outro lado, a morte do policial era fácil de explicar. Ele se matou só para irritá-la.

Estas são explicações um tanto tristes, com certeza, mas eu deixava que ela tagarelasse para atenuar meu tédio.

### **Quinta-feira, 3 de março**

Nada ainda. O inspetor liga duas vezes por dia. Cada vez digo-lhe que está tudo bem. Aparentemente, essas palavras não o tranquilizam.

Pego meus livros de medicina e estudo, para que este confinamento tenha ao menos algum proveito.

### **Sexta-feira, 4 de março**

Eu comi extremamente bem ao meio-dia. A dona da casa me trouxe metade de uma garrafa de champanhe. Parecia uma refeição para um homem condenado. A senhora Dubonnet olhou para mim como se eu já estivesse metade morto. Quando ela estava saindo, pediu-me em lágrimas para ir com ela, temendo que eu fosse me enforcar “apenas para irritá-la.”

Estudei o cordão da cortina mais uma vez. Será que vou me enforcar com ele? Certamente, eu senti um pouco de vontade de fazê-lo. O cordão é duro e áspero – não é o tipo de cordão com o qual alguém faz um laço. Seria preciso ser verdadeiramente determinado para imitar os outros.

Agora estou sentado à minha mesa. Na minha esquerda, o telefone. Na minha direita, o revólver. Eu não estou com medo, mas estou curioso.

Seis horas, a mesma noite. Nada aconteceu. Eu estava prestes a acrescentar: "Infelizmente". A hora fatal veio e se foi, como qualquer seis horas em qualquer noite. Eu não vou esconder o fato de que, de fato, senti um certo impulso em ir até a janela, mas por uma razão bem diferente do que se poderia imaginar.

O inspetor ligou-me pelo menos dez vezes entre cinco e seis horas. Ele estava tão impaciente quanto eu. A senhora Dubonnet, por outro lado, está feliz. Uma semana se passou sem que alguém se enforcasse no nº 7. Maravilha.

### **Segunda-feira, 7 de março**

Eu tenho uma convicção crescente de que não vou aprender nada; que os suicídios anteriores estavam relacionados com as circunstâncias em torno da vida dos três homens. Eu pedi ao inspetor para investigar melhor os casos, convencido de que alguém vai encontrar suas motivações. Quanto a mim, espero ficar aqui o maior tempo possível. Posso até não conquistar Paris, mas aqui eu vivo muito bem e estou até engordando. Também estou estudando muito, e sinto que estou realmente progredindo. Há uma outra razão, também, que me mantém aqui.

#### **Quarta-feira, 9 de março**

Então! Dei mais um passo. Clarimonda.

Eu ainda não disse nada sobre Clarimonda. É que ela é a minha "terceira" razão para ficar aqui. Ela também é a razão pela qual eu estava tentado a ir para a janela durante a hora "fatídica" na sexta-feira passada. Mas, naturalmente, não era para me enforcar.

Clarimonda. Por que a chamo assim? Eu não tenho nenhuma ideia de qual é o nome dela, mas deveria ser Clarimonda. Quando, finalmente, eu perguntar o nome dela, tenho certeza que ele será Clarimonda.

Eu a notei por acaso... logo nos primeiros dias. Ela vive do outro lado da rua estreita, e sua janela dá de frente para a minha. Ela fica lá, por trás de suas cortinas.

Eu deveria dizer que ela reparou em mim antes de eu vê-la, e que ela estava obviamente interessada em mim. E não me admira. O bairro inteiro sabe que eu estou aqui, e o porquê. A senhora Dubonnet cuidou disso.

Eu não sou do tipo particularmente amoroso. Na verdade, minhas relações com as mulheres têm sido bastante escassas. Quando se vem de Verdun à Paris para estudar medicina, e dificilmente se tem dinheiro suficiente para três refeições por dia, a pessoa tem algo mais em que pensar além do amor. Eu não sou então muito experiente com as mulheres, e posso ter começado a minha aventura com ela de um jeito idiota. Deixa pra lá. É emocionante do mesmo jeito.

No início, a ideia de estabelecer alguma relação com ela simplesmente não me ocorreu. Foi só porque, já que eu estava ali para fazer minhas observações e, já que não havia nada no quarto para observar, eu pensei que eu poderia muito bem observar a minha vizinha abertamente, profissionalmente. De qualquer forma, não se pode ficar o dia todo sentado lendo.

Clarimonda, cheguei à conclusão, vive sozinha no pequeno apartamento do outro lado da rua. O apartamento tem três janelas, mas ela fica apenas na janela que dá para a minha. Ela se senta ali, rodando um antiquado fuso, como aquele que minha avó herdou de uma tia-avó. Eu não fazia ideia que alguém ainda usasse uma dessas rocas. A roca de Clarimonda é um lindo objeto. Parece ser feito de marfim, e ela gira um fio de uma finura excepcional. Ela trabalha o dia todo atrás de suas cortinas e só para de girar quando o sol se põe. Já que a escuridão surge abruptamente aqui nesta rua estreita e estamos na temporada dos nevoeiros, Clarimonda desaparece da casa dela às cinco horas todas as noites. Eu nunca vi uma luz em seu apartamento.

Como Clarimonda se parece? Eu não estou muito certo. Seu cabelo é preto e ondulado, o rosto pálido. Seu nariz é curto e fino, formado por narinas delicadas que parecem tremer. Seus lábios também são pálidos: e quando ela sorri, parece que seus pequenos dentes são tão afiados como aqueles de alguma besta de rapina. Seus cílios são longos e escuros, e seus enormes olhos escuros têm um brilho intenso.

Eu imagino todos esses detalhes mais do que eu os conheço. É difícil ver claramente através das cortinas.

Outra coisa: ela sempre usa um vestido preto bordado com um motivo lilás, e luvas pretas, sem dúvida, para proteger as mãos dos efeitos do seu trabalho. É uma visão curiosa: suas mãos delicadas em movimento perpétuo, rapidamente segurando o fio, puxando-o, libertando-o, pegando-o de novo, como se estivesse observando os movimentos incansáveis de um inseto.

Nosso relacionamento? Por enquanto ainda é muito superficial, embora eu o sinta cada vez mais profundo. Tudo começou com uma troca repentina de olhares em que cada um notou o outro. Devo ter agradado, porque um dia ela estudou-me mais algum tempo, depois sorriu timidamente. Naturalmente, eu sorri de volta. Desta forma, dois dias se passaram, cada um de nós sorrindo mais frequentemente, com o passar do tempo. No entanto, algo me impedia de cumprimentá-la diretamente.

Até hoje. Esta tarde, eu fiz isso. E Clarimonda respondeu à minha saudação. Foi muito sutil, para ser franco, mas eu vi seu assentimento.

### **Quinta-feira, 10 de março**

Ontem sentei-me por um longo tempo junto aos meus livros, embora eu não posso verdadeiramente dizer que estudei muito. Eu construí castelos no ar e sonhava com Clarimonda.

Dormi irregularmente.

Esta manhã, quando me aproximei da minha janela, Clarimonda já estava em seu lugar. Eu acenei e ela acenou de volta. Ela riu e me estudou durante um longo tempo.

Eu tentei ler, mas me senti muito desconfortável. Em vez disso, eu sentei na minha janela e olhei para Clarimonda. Ela também tinha deixado de lado seu trabalho. Suas mãos cruzadas no colo. Eu abri um pouco mais a cortina com o cordão. No mesmo momento, Clarimonda fez o mesmo com as cortinas de sua janela. Trocamos sorrisos.

Devemos ter passado uma hora olhando um para o outro.

Finalmente, ela pegou sua roca.

### **Sábado, 12 de março**

Os dias passam. Eu como e bebo. Sento-me à mesa. Acendo meu cachimbo, eu olho para o meu livro, mas não leio uma palavra, apesar de tentar de novo e de novo. Então eu vou para a janela onde aceno para Clarimonda. Ela acena com a cabeça. Sorrimos. Nós olhamos um para o outro durante horas.

Ontem à tarde, às seis horas, eu fui ficando ansioso. O crepúsculo veio cedo, trazendo consigo algo como a angústia. Sentei-me à minha mesa. Eu esperei até que fui invadido por uma necessidade irresistível de ir à janela, não para me enforcar, mas só para ver Clarimonda.

Levantei em um salto e fiquei ao lado da cortina, de onde parecia-me ser capaz de ver tão claramente como nunca, embora lá fora já estivesse escuro.

Clarimonda estava rodando sua roca, mas seus olhos estavam nos meus. Senti-me estranhamente contente mesmo que eu experimentasse uma leve sensação de medo.

O telefone tocou. Era o inspetor para arrancar-me do meu transe com suas perguntas idiotas. Eu fiquei furioso.

Esta manhã, o inspetor e a senhora Dubonnet me visitaram. Ela está encantada com a forma como as coisas estão indo. Eu já vivi por duas semanas no quarto nº 7. O inspetor, no entanto, não sente que ele está obtendo resultados. Sugeriu misteriosamente que eu estava no rastro de algo mais incomum.

O idiota acreditou na minha palavra e atendeu meu maior desejo. Fui autorizado a ficar no quarto por mais uma semana. Deus sabe que não é a comida da senhora Dubonnet ou a adegas que me mantém aqui. Quão rápido uma pessoa pode se saciar destas coisas. Não. Eu quero ficar por causa da janela que a senhora Dubonnet teme e odeia. Aquela janela amada que me mostra Clarimonda.

Eu fiquei junto à janela, tentando descobrir se alguma vez ela já havia deixado seu quarto, mas eu nunca a vi caminhar pela rua.

Quanto a mim, tenho uma poltrona grande e confortável e uma sombra verde sob a lâmpada cujo brilho me agasalha com seu calor. O inspetor deixou-me com um enorme pacote de tabaco – e ainda assim eu não posso trabalhar. Eu li duas ou três páginas apenas para descobrir que não tinha entendido uma palavra. Meus olhos veem as letras, mas meu cérebro se recusa a estabelecer qualquer sentido entre elas. Absurdo. Como se em meu cérebro fosse impresso: “Não ultrapasse”. É como se não houvesse espaço na minha cabeça para qualquer outro pensamento exceto um: Clarimonda. Eu empurro os livros, inclino-me para trás profundamente em minha cadeira. Eu sonho.

### **Domingo, 13 de março**

Esta manhã eu assisti a um pequeno drama enquanto o camareiro arrumava o meu quarto. Eu estava passeando no corredor quando parei diante de uma pequena janela na qual uma grande aranha de jardim fez sua teia.

A senhora Dubonnet não vai retirá-la dali, pois ela acredita que as aranhas trazem boa sorte, e ela teve infortúnios suficientes em sua casa recentemente. Hoje eu vi uma aranha muito menor, um macho, movendo-se através dos fios em direção ao meio da teia, mas quando seus movimentos alertaram a fêmea ele recuou timidamente para a borda da teia, a partir da qual ele fez uma segunda tentativa de atravessá-la. Finalmente, a fêmea ficou no meio, atenta ao seu cortejo, e parou de se mover. O macho puxou um fio suavemente e depois mais energicamente até que toda a teia tremeu. A fêmea ficou imóvel. O macho moveu-se rapidamente para a frente e a fêmea o recebeu em silêncio, com calma, entregando-se por completo aos seus abraços. Por um longo minuto eles ficaram juntos, pendurados imóveis no centro da enorme teia.

Então eu vi o macho lentamente se libertando, uma perna após a outra. Era como se ele quisesse delicadamente deixar sua companheira sozinha em seu sonho de amor, mas quando ele começou a se afastar, a fêmea, dominada por sua natureza selvagem foi atrás dele, caçando-o impiedosamente. O macho se soltou em um fio, a fêmea o seguiu, e por um tempo os amantes ficaram pendurados ali, imitando uma obra de arte. Em seguida, eles caíram no peitoril da janela onde o macho, convocando todas as suas forças, tentou novamente escapar. Muito tarde. A fêmea já o tinha na sua poderosa aderência, e levava-o de volta para o centro da teia. Lá, o lugar que servira de sofá para seus abraços lascivos agora assumira outro aspecto bem diferente. O amante se contorceu, tentando escapar do

abraço selvagem da fêmea, mas ela era demais para ele. Não demorou muito até que o tinha envolto completamente em seu segmento, e ele jazia desamparado. Em seguida, ela cravou as garras afiadas em seu corpo, e chupou grandes goles de sangue de seu jovem amante. Finalmente, ela soltou a triste e irreconhecível concha que era então seu corpo e o jogou para fora da teia.

Então é assim o amor entre essas criaturas. Bom para mim, que não sou uma aranha.

### **Segunda-feira, 14 de março**

Eu não olho para os meus livros há muito tempo. Eu passo meus dias na janela. Quando está escuro, Clarimonda não está mais lá, mas se eu fecho meus olhos, eu continuo a vê-la. Este diário se tornou algo maior do que eu pretendia. Falei sobre a senhora Dubonnet, sobre o inspetor, sobre aranhas e sobre Clarimonda. Mas eu não disse nada sobre as descobertas que me comprometi a fazer. Eu não consigo.

### **Terça-feira, 15 de março**

Nós inventamos um jogo estranho, Clarimonda e eu. Nós jogamos o dia todo. Eu a cumprimento, então ela me cumprimenta. Então eu bato meus dedos nas vidraças. No momento que ela me vê fazendo isso, ela também começa a bater. Eu aceno para ela, ela acena de volta. Eu movo meus lábios como se estivesse falando com ela, ela faz o mesmo. Eu corro a mão pelo meu cabelo despenteado e imediatamente sua mão está em sua testa. É um jogo de criança e nós dois rimos com ele. Na verdade, ela não ri. Ela apenas sorri um sorriso contido, delicadamente. E eu sorrio de volta do mesmo jeito.

O jogo não é tão trivial quanto parece. Não é como se estivéssemos grosseiramente imitando o outro – o que nos teria cansado. Pelo contrário, estamos nos comunicando, um com o outro. Às vezes, telepaticamente, parece, pois Clarimonda segue meus movimentos instantaneamente quase antes de ela ter tempo para vê-los. Me pego inventando novos movimentos ou novas combinações de movimentos, mas toda vez ela os repete com uma velocidade desconcertante. Às vezes eu mudo a ordem dos movimentos para surpreendê-la, fazendo toda uma série de gestos tão rapidamente quanto possível, ou deixo alguns movimentos e entrelaço outros, da maneira como as crianças brincam de "O Mestre Mandou". O surpreendente é que Clarimonda nunca comete um erro, não importa o quão rápido eu mude os gestos.

É assim que eu passo meus dias... nem por um momento sinto que estou matando o tempo. Parece, pelo contrário, que nunca na minha vida eu estive tão ocupado.

### **Quarta-feira, 16 de março**

Não é estranho que não tenha me ocorrido de colocar a minha relação com Clarimonda em um patamar mais sério do que estes jogos intermináveis. Ontem à noite eu pensei sobre isso... eu posso, é claro, colocar meu chapéu e meu casaco, descer dois lances de escadas, andar cinco passos em frente e subir dois lances até a porta que está marcada com uma pequena placa que diz "Clarimonda". Clarimonda de quê? Eu não sei. Alguma coisa. Então eu posso bater na porta e...

Até este ponto eu imagino tudo muito claramente, mas eu não consigo ver o que deve acontecer em seguida. Eu sei que a porta se abre. Mas, então, eu fico diante dela, olhando para um vazio escuro. Clarimonda não vem. Nada vem. Nada existe lá, apenas a negra e impenetrável escuridão.



Às vezes, parece-me que não pode haver nenhuma outra Clarimonda além da que eu vejo na janela, aquela que brinca do jogo de gestos comigo. Eu não posso imaginar uma Clarimonda usando um chapéu, ou um vestido que não seja seu vestido preto com o motivo lilás. Nem posso imaginar uma Clarimonda sem luvas pretas. A simples ideia de que eu poderia encontrar Clarimonda em algum lugar, nas ruas ou em um restaurante comendo, bebendo ou conversando é tão improvável que isso me faz rir.

Às vezes eu me pergunto se a amo. É impossível dizer, já que eu nunca amei antes. No entanto, se o sentimento que eu tenho por Clarimonda é realmente o amor, então o amor é algo inteiramente diferente de tudo que já vi entre os meus amigos ou li a respeito nos romances.

É difícil para mim ter a certeza dos meus sentimentos e mais difícil ainda pensar em qualquer coisa que não se relacione com Clarimonda ou, o que é mais importante, com nosso jogo. Inegavelmente, é o nosso jogo que me preocupa. Nada mais, e isto é o que eu entendo menos ainda.

Não há dúvida de que estou atraído por Clarimonda, mas essa atração é misturada com um outro sentimento, o medo. Não. Não é isso também. Melhor seria dizer que é uma apreensão diante da presença do desconhecido. E essa ansiedade tem uma qualidade estranhamente voluptuosa para a qual eu sou ao mesmo tempo atraído, assim como sou repelido por ela. É como se estivesse me movendo em círculos gigantes em torno dela, às vezes chegando perto, às vezes recuando... para a frente e para trás, para trás e para frente.

Um dia, eu tenho certeza, isso vai acontecer, e vou juntar-me a ela. Clarimonda senta em sua janela e gira seu delicado, eternamente belo fuso, fazendo um tecido estranho cuja finalidade eu não entendo. Estou espantado com a forma como ela é capaz de manter-se desemaranhando seu fio delicado. É certamente um desenho marcante, contendo bestas míticas e máscaras estranhas.

### **Quinta-feira, 17 de março**

Estou curiosamente animado. Eu não converso mais com as pessoas. Eu mal digo "olá" para a senhora Dubonnet ou para o camareiro. Eu raramente me permito comer. Tudo que faço é sentar-me na janela e jogar o jogo com Clarimonda. É um jogo apaixonante. Irresistível.

Tenho a sensação de que algo vai acontecer amanhã.

### **Sexta-feira, 18 de março**

Sim. Sim. Alguma coisa vai acontecer hoje. Eu digo a mim mesmo – tão alto quanto puder – que é por isso que estou aqui. E, no entanto, horrivelmente o suficiente, eu tenho medo. E neste medo de que aconteça a mim o mesmo que aconteceu com meus antecessores, há estranhamente misturado outro medo: um horror por Clarimonda. E eu não posso separar os dois medos.

Estou com medo. Eu quero gritar.

Seis horas da tarde.

Estou com o meu chapéu e casaco. Apenas um par de palavras.

Às cinco horas eu estava no final das minhas forças. Estou perfeitamente consciente agora que existe uma relação entre o meu desespero e a "sexta hora", que foi tão significativa nas semanas anteriores. Já não rio do truque que fiz com o inspetor.

Eu estava sentado junto à janela, tentando com todas as minhas forças ficar na minha cadeira, mas a janela me puxava. Eu tive que recomeçar o jogo com Clarimonda. E, no entanto, a janela me horrorizou. Eu vi os outros pendurados lá: o caixeiro-viajante suíço, gordo, com um pescoço grosso e uma farta barba grisalha, o artista magro e o poderoso sargento da polícia. Eu os via, um após o outro, pendurados no mesmo gancho, suas bocas abertas, as língua de fora. E então, eu me vi entre eles.

Ah, esse medo indescritível. Ficou claro para mim que ele foi provocado tanto por Clarimonda quanto pela barra transversal e o gancho horrível. Que ela me perdoe... mas é a verdade. No meu pânico, eu via os três homens pendurados lá, com as pernas pendidas sobre o chão.

E, no entanto, o fato é que eu não senti a menor vontade de me enforcar, nem tinha medo de desejar fazê-lo. Não, era a janela que eu temia, e Clarimonda. Eu tinha certeza de que algo horrível estava para acontecer. Então eu fui dominado pela necessidade de ir até a janela – de estar diante dela. Eu tinha que...

O telefone tocou. Peguei o telefone e antes que eu pudesse ouvir uma palavra, eu gritei: "Venha. Venha correndo. "

Era como se meu grito estridente tivesse naquele instante dissipado as sombras da minha alma. Fui me acalmando.

Limpei o suor da minha testa. Bebi um copo d'água. Então eu refleti sobre o que dizer ao inspetor quando ele chegasse. Finalmente, fui até a janela. Eu acenei e sorri. E também Clarimonda acenou e sorriu.

Cinco minutos depois, o inspetor estava lá. Eu disse a ele que eu ia chegar ao fundo da questão, mas implorei a ele para não me questionar naquele momento. Que muito em breve eu estaria em condições de fazer revelações importantes. Estranhamente, embora eu estivesse mentindo para ele. Eu mesmo tinha a sensação de que estava dizendo a verdade. Mesmo agora, contra minha vontade, eu tenho essa mesma convicção.

O inspetor não pode deixar de notar o meu estado de confusão mental, especialmente quando eu me desculpei pelo meu grito angustiante no telefone. Naturalmente, eu tentei explicar a ele, e ainda assim eu não poderia encontrar uma única razão para oferecer a ele. Ele disse com firmeza que não havia necessidade de pedir desculpas, que ele estava sempre à minha disposição, porque era esse o seu dever. Era melhor que ele viesse uma dúzia de vezes para nada, do que deixasse de estar aqui quando fosse realmente necessário. Ele convidou-me para ir com ele para um passeio. Seria uma distração para mim. Faria-me bem não ficar sozinho por um tempo. Eu aceitei o convite embora eu estivesse muito relutante em sair da sala.

### **Sábado, 19 de março**

Fomos ao Gaiete Rochechouart, ao La Cigale, e depois ao La Lune Rousse. O inspetor estava certo: foi bom para mim sair e respirar o ar fresco. No início, eu tinha uma sensação de desconforto, como se eu estivesse fazendo algo errado, como se eu fosse um desertor que tinha virado as costas para a bandeira. Mas isso logo passou. Bebemos muito, rimos e conversamos. Esta manhã, quando fui para a minha janela, Clarimonda me deu o que eu achava que era um olhar de reprovação, embora eu só

possa ter imaginado isso. Como ela poderia saber que eu tinha saído ontem à noite? De qualquer maneira, o olhar durou apenas por um instante, então ela sorriu de novo.

Jogamos o jogo durante todo o dia.

### **Domingo, 20 de março**

Só uma coisa para registro: jogamos o jogo.

### **Segunda-feira, 21 de março**

Jogamos o jogo, o dia todo.

### **Terça-feira, 22 de março**

Sim, o jogo. Jogamos de novo. E nada mais. Absolutamente nada.

Às vezes me pergunto o que está acontecendo comigo? O que é que eu quero? Onde tudo isso vai me levar? Eu sei a resposta: não há nada mais que eu quero exceto o que está acontecendo. É o que eu quero... o que eu desejo. Só isso.

Clarimonda e eu conversamos ao longo dos últimos dias, mas de forma muito breve, quase uma palavra. Às vezes, movemos nossos lábios, mas frequentemente apenas olhamos um para o outro com profundo entendimento.

Eu estava certo sobre o olhar de reprovação de Clarimonda porque saí com o inspetor na última sexta-feira. Pedi-lhe que me perdoasse. Eu disse que foi estúpido da minha parte, e errado em ter ido. Ela me perdoou, e eu prometi nunca deixar a janela novamente. Nós nos beijamos, pressionando os lábios contra cada uma das nossas vidraças.

### **Quarta-feira, 23 de março**

Agora eu sei que eu amo Clarimonda. Que ela penetrou em cada fibra do meu ser. Pode ser que os amores de outros homens sejam diferentes. Mas será que existe uma cabeça, uma orelha, um mão que é exatamente igual a centenas de milhões de outras pessoas? Têm sempre algumas diferenças, e deve ser assim com o amor. Meu amor é estranho, eu sei disso, mas é menos encantador por causa disso? Além disso, o meu amor me faz feliz.

Se ao menos eu não estivesse tão assustado. Às vezes, meu terror se entorpece e eu o esqueço por alguns momentos, então ele acorda e não me deixa mais. O medo é como um rato pobre tentando escapar das garras de uma poderosa serpente. Espere um pouco, pobre e tristonho horror. Muito em breve a serpente do amor vai devorá-lo.

### **Quinta-feira, 24 março**

Eu fiz uma descoberta: eu não jogo com Clarimonda. Ela brinca comigo. Ontem à noite, pensando como sempre sobre o nosso jogo, eu escrevi cinco novos padrões intrincados de gestos com os quais

eu pretendia surpreender Clarimonda hoje. Dei a cada gesto um número. Então, eu pratiquei a série, de modo que eu pudesse fazer os movimentos o mais rápido possível, para a frente ou para trás. Ou às vezes só os pares, às vezes, os ímpares. Ou o primeiro e o último dos cinco padrões. Foi cansativo treinar, mas isso me fez feliz e parecia trazer Clarimonda mais para perto de mim. Eu pratiquei por horas até que eu decorei todos os movimentos perfeitamente, como um relógio.

Esta manhã fui até a janela. Clarimonda e eu nos cumprimentamos, então o nosso jogo começou. Para frente e para trás! Era incrível como rapidamente ela entendeu o que era para ser feito; como ela acompanhou-me.

Ouvi uma pancada na porta. Era o camareiro trazendo meus sapatos. Peguei-os. No caminho de volta para a janela, meu olho por acaso caiu sobre o pedaço de papel no qual eu havia anotado meus padrões de gestos. Foi então que eu entendi: *no jogo recém concluído eu não havia feito o uso de um único conjunto de meus padrões.*

Cambaleei para trás e tive que segurar a cadeira para não cair. Era inacreditável. Eu li o papel de novo, e de novo. Era verdade: eu havia feito uma longa série de gestos na janela, e nenhuma das sequências tinha sido um dos meus padrões.

Tive a sensação de, mais uma vez, estar em pé diante da porta de Clarimonda aberta, através da qual, embora eu olhasse, eu não conseguia ver nada além de um escuro vazio. Sabia também que, se eu escolhesse virar as costas para a porta naquele momento, eu poderia ser salvo, e que eu ainda tinha o poder de sair dali. E ainda assim, eu não saí... porque eu me senti bem no limiar do mistério: como se eu estivesse segurando o segredo em minhas mãos.

"Paris! Você conquistará Paris", pensei. E nesse instante, Paris era mais poderosa que Clarimonda.

Eu não penso mais sobre isso. Agora, só sinto o amor. Amor, e um delicioso terror.

Ainda assim, o momento em si me dotou de força. Eu li minhas notas novamente, gravando os gestos em minha mente. Então eu voltei para o janela só para tornar-me consciente de que não era um dos meus padrões que eu queria usar. Estando lá, ocorreu-me esfregar o lado de meu nariz, em vez disso, eu encontrei-me pressionando meus lábios contra a vidraça. Eu tentei bater com os dedos no parapeito da janela, mas em vez disso, eu escovei meus cabelos com os dedos. E assim, eu entendi que não era Clarimonda que fazia o que eu fazia. Em vez disso, os meus gestos seguiam seu exemplo e com tal rapidez relâmpago que pareciam estar se movendo simultaneamente. Eu, que havia sido tão orgulhoso, porque eu pensei que a tinha influenciado, de fato, eu é que era influenciado por ela. Sua influência ... tão suave ... tão deliciosa.

Eu tentei uma outra experiência. Eu apertei minhas mãos e as coloquei em meus bolsos com a firme intenção de não movê-las nem um pouco. Clarimonda levantou a mão e, sorrindo para mim, fez um gesto de censura com seu dedo. Eu não me mexi, e eu ainda podia sentir o quanto a minha mão direita desejava sair de meu bolso. Apertei meus dedos contra o forro da calça, mas contra a minha vontade, a minha mão esquerda saiu do bolso, meu braço ergueu-se no ar. Na minha vez, eu fiz um gesto de censura com o meu dedo e sorri.

Pareceu-me que não era eu que estava fazendo tudo aquilo. Era um estranho que eu estava assistindo.

Mas, é claro, eu estava enganado. Era eu fazendo o gesto, e a pessoa me observando era o estranho; esse mesmo estranho que, não há muito tempo, tinha tanta certeza de que ele estava à beira de uma grande descoberta. Em qualquer caso, não era eu.

De que serve esta descoberta? Estou aqui para realizar os desejos de Clarimonda. Clarimonda, a quem eu amo com o coração angustiado.

### **Sexta-feira, 25 de março**

Cortei o fio do telefone. Eu não quero ser continuamente perturbado por aquele inspetor idiota assim que a hora misteriosa chegar.

Deus. Por que eu escrevi isso? Nenhuma dessas palavras é verdade. É como se alguém estivesse guiando minha caneta.

Mas eu quero... quero... escrever a verdade aqui... embora isso esteja me custando muito esforço. Mas eu quero... mais uma vez... fazer o que eu quero.

Eu cortei o fio do telefone... ah...

Porque eu tinha que... lá está ele. Tinha que...

Ficamos em nossas janelas esta manhã e jogamos o jogo, que é agora diferente do que era ontem. Clarimonda faz um movimento e eu resisto por tanto tempo quanto consigo. Então eu cedo e faço o que ela quer, sem mais luta. Mal posso expressar a alegria que é ser conquistado assim; se entregar inteiramente à sua vontade.

Jogamos. De repente, ela se levantou e caminhou de volta para seu quarto, onde eu não podia vê-la, ela estava tão submersa na escuridão. Em seguida, ela voltou com um telefone de mesa, como o meu, em suas mãos. Ela sorriu e colocou o telefone no parapeito da janela, depois ela pegou uma faca e cortou o fio. Então eu levei meu telefone para a janela onde eu cortei o fio. Depois disso, levei meu telefone para o seu lugar.

Foi assim que aconteceu...

Sento-me à minha mesa onde eu estava bebendo o chá que o camareiro trouxe. Ele veio pegar o bule vazio, e eu pedi pelas horas, já que meu relógio não está funcionando corretamente. Ele disse que são cinco e quinze.

Cinco e quinze...

Eu sei que se eu olhar para fora da minha janela, Clarimonda vai estar lá fazendo um gesto que eu vou ter que imitar. Vou olhar mesmo assim. Clarimonda está lá, sorrindo. Se eu pudesse desviar os olhos dela.

Agora ela corta a cortina. Ela pega o cordão. É vermelho, assim como o cordão na minha janela. Ela faz um laço e o pendura no barra transversal da janela.

Ela senta e sorri. Não. Já não é medo o que eu sinto. Pelo contrário, é uma espécie de terror opressivo que eu não gostaria de evitar por nada no mundo. Sua aderência é irresistível, profundamente cruel, e voluptuosa em sua atração.

Eu poderia ir para a janela, e fazer o que ela quer que eu faça, mas eu espero. Luto. Eu resisto embora eu sinta um fascínio crescente que se torna mais intenso a cada minuto.

Aqui estou eu mais uma vez. Precipitadamente, eu fui para a janela onde eu fiz o que Clarimonda queria. Levei o cordão, amarrei o cordão, e o pendurei no gancho...

Agora, não quero ver mais nada, exceto olhar para este papel. Porque se eu olhar. Eu sei o que ela vai fazer... agora... na sexta hora do último dia da semana. Se eu vê-la, eu vou ter que fazer o que ela quer. Eu tenho que...

Eu não vou vê-la...

Eu rio. Em voz alta. Não. Eu não estou rindo. Algo está rindo de mim, e eu sei o porquê. É por causa do meu "Eu não vou"...

Eu não vou, e ainda assim eu sei muito bem que eu tenho que... tenho que olhar para ela. Eu devo... devo... e então... tudo acontece.

Se eu esperar, é apenas para prolongar essa estranha tortura. Sim, é isso. Essa angústia sem fôlego é o meu prazer supremo. Escrevo rapidamente, de forma rápida... apenas para que eu possa continuar a sentar-me aqui, para que eu possa atenuar esses segundos de dor.

Mais uma vez, o terror. Mais uma vez. Eu sei que eu vou olhar para ela. Que eu vou levantar-me. Que eu vou me enforcar.

Isso não me assusta. Isso é lindo... mesmo precioso.

Há algo mais. O que vai acontecer depois? Eu não sei, mas embora meu tormento seja tão delicioso, eu sinto... sinto que algo terrível deve acontecer.

Pense... pense... Escreva algo. Qualquer coisa... para não olhar para ela...

Meu nome... Richard Bracquemont. Richard Bracquemont... Richard Bracquemont...

Richard...

Eu não posso... ir em frente. Devo... não... não... devo olhar para ela... Richard Bracquemont... não... não mais... Richard... Richard Bracque- ...

\* \* \*

O inspetor da nona delegacia, depois de repetidos e vãos esforços em telefonar para Richard, chegou ao Hotel Stevens às 18h05. Encontrou o corpo do estudante Richard Bracquemont pendurado na barra transversal da janela no quarto nº 7, na mesma posição, como cada um dos seus três antecessores.

A expressão no rosto do estudante, no entanto, era diferente, refletindo um medo terrível.

Os olhos de Bracquemont estavam fora das órbitas. Seus lábios estavam abertos e sua mandíbula estava travada. Uma enorme aranha preta, cujo corpo era pontilhado com manchas roxas, estava esmagada, mordida em duas, entre seus dentes.

Em cima da mesa estava o diário do estudante. O inspetor o leu e foi imediatamente investigar a casa do outro lado da rua. Descobriu que o segundo andar daquele prédio não era habitado há muitos meses.